

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

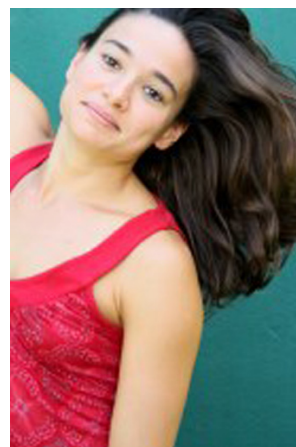
PPGAC/UNIRIO

## PERFORMANCE DE ARTE RELACIONAL COMO CURA

*Claudia Regina Garcia Millás*

Claudia Regina Garcia Millás | Doutorado  
Linha de Pesquisa | PCI  
Orientadora | Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Alice Caplain Feix

Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestra pelo programa de Pós Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) 2012-2014, com bolsa de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Dança pela mesma Universidade 2004-2009. É diretora do Coletivo Invertido e bailarina da Cia Domínio Público com direção de Holly Cavrell. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, atuando principalmente nos seguimentos: dança, circo, música e iluminação cênica.



## PERFORMANCE DE ARTE RELACIONAL COMO CURA

Claudia Regina Garcia Millás

Profª Drª Tania Alice Caplain Feix | Orientadora

O interesse desta pesquisa está em encontrar nos rituais ancestrais da América Latina e em práticas corporais que visam a transformação do participante e a conexão deste consigo mesmo, com o outro e com o meio, ações e simbologias que podem ser pensadas enquanto dispositivos de cura dentro de uma performance. Reafirma-se a partir do pensamento de Schechner que a performance poderia ser compreendida entre a relação do teatro e do ritual, como movimento *continuum* e recíproco de um à outro, com poder de transporte e transformação (SCHECHNER, 1985).

Propõem-se pensar a performance como ensaio de si e do mundo, enquanto uma manifestação que intervém, modifica e transforma o real. Está mais ligada na ação do que na representação. O sujeito põe-se enquanto subjetividade, enquanto ponto de vista de onde as coisas acontecem, agente da ação e passível a sua própria transformação. Se coloca em risco, necessário, sendo uma subjetividade que expressa o mundo, o seu mundo. É a partir de onde se fala, experiência viva.

A linguagem performática, híbrida por natureza e que se define pela sua própria indefinição, tem poder de transformação por meio de suas ações que modificam o contexto em que atua. Caracteriza-se por sua indisciplina, que transgride, abre espaço, cria e se instaura, sem pedir licença, aos velhos e disciplinados moldes. Não se enquadra nas produções artísticas vinculadas e determinadas pelas leis de consumo, mas em criações artísticas que buscam transformar o mundo, principalmente como uma resposta urgente de cuidado de si, do outro e do meio em que se vive. O cuidar aqui é fundamental, como ação transformadora. Assim, busca-se antes de tudo ativar o corpo, como nos diria Eleonora Fabião: aumentar sua potência de vida, para que se efetive como agente transformador e potente, capaz de intervir, criar e modificar estruturas enrijecidas (FABIÃO, 2009).

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

É nesse sentido, então, que pode-se pensar em um conjunto de ações, híbrido e indisciplinado, que requer uso de ferramentas diversas para construir seu discurso e a própria ação, convocando áreas como a filosofia, a psicologia, a antropologia e as teorias da dança, para criar partilhas sensíveis capazes de transformar e afetar. A partir dessa transformação podemos ver a potência principal da performance.

A cura pode ser pensada como aumento de potência de vida, possibilidade de diferenciação e movimento, coragem ao risco e à verdade. Não a cura de uma patologia específica, mas como possibilidade de transformação. Pode também ser vista como uma forma de nos tornarmos melhores, belos em existência, seguindo o pensamento de Foucault (FOUCAULT, 1993). Foca-se então nos trabalhos sobre si ou técnicas do eu, como denomina este autor, que permitem aos indivíduos fazerem certas operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, que visam transformar a si próprios, a modificarem-se, buscando um certo estado de felicidade. Ainda neste sentido é como buscar na transformação de si uma qualidade que permita viver diversamente, melhor, de maneira mais feliz que as outras pessoas. E felicidade aqui é entendida como este aumento de potência de vida, em que o ser se efetua.

Enquanto metodologia de pesquisa, esta é uma proposta de abordagem e de operação, de como fazer pesquisa-intervenção, em consonância com a cartografia, em acompanhar processos e se colocar como sujeito da ação, passível à transformação.

A pesquisa se dá a partir da própria experiência, que acontece no singular, onde há paixão, enquanto forma de conhecimento, quando não pode ser antecipada, "pré-" alguma coisa. Tem a ver com o limite do saber. Exige linguagem capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza, que capte a vida, que faça ressoar e que ressoe, viva. Segundo Jorge Larrosa (2014), é lá onde vibramos, trememos, sentimos fraqueza, no silêncio das palavras, na pausa, na escuta, no espaço do tempo. Neste sentido, fala-se em primeira pessoa para se expor na insegurança das próprias palavras, na incerteza dos próprios pensamentos. E então a primeira pessoa não é colocada como tema, mas como ponto de vista, lugar de acontecimentos.

A justificativa para esta pesquisa está em perceber na fala de diversos autores, como Zygmunt Bauman com o aprofundamento do conceito de liquidez, Walter

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

Benjamin e Jorge Larrosa, que desenvolvem sobre o tema da modernidade, a noção de empobrecimento das experiências contemporâneas, no sentido amplo do termo. Walter Benjamin (1994) afirma que as ações da experiência estão em baixa e que a sociedade ficou pobre e desumanizada: pobre em experiência, no que há de humano na vida, aproximando-se da dimensão arbitrária e construtiva e distanciando-se da orgânica.

A partir da análise desses autores, em que percebe-se que se vive num tempo de desconexão consigo próprio, com as outras pessoas e com o meio, distantes dos processos básicos da vida, desde a alimentação até a relação com o espaço, e, principalmente, num tempo em que resvala-se perder o processo ritual e simbólico para se conectar, fortalecer, trocar e afetar com o mundo, parece urgente, se não imprescindível, ações performáticas que visem a cura, como aumento de potência de vida, que permita efetivar uma "eco-logia" (GUATTARI, 2012).

O termo PARC (performance de arte relacional como cura) utilizado por Tania Alice (FEIX, 2015), parece caber dentro deste contexto para se trabalhar a performance como forma de arte relacional, em que o performer se torna um agente propiciador de transformações. Como diz a autora, os dispositivos gerados pela prática relacional são em seguida ativados com um perspectiva terapêutica, no sentido de promover uma transformação da relação entre participante e performer em busca de uma cura.

## REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**; ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: brasiliense, 1994.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro**: poéticas e políticas da cena contemporânea. In revista Sala Preta (USP), v. 8, p. 235-246, 2009.

FEIX, Tania Alice. **PARC (Performances de Arte Relacional como Cura)**: Performance e SomaticExperiencing. In Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 5, p. 396-412, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e subjectividade** (HowisonLectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. São Paulo: Papyrus, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio**: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: Revista Educação e Realidade. Faculdade de Educação da UFRGS. Vol. 41, N. 3 , 2016.

SCHECHNER, Richard. **Restorationofbehavior**: Betweentheaterandanthropology. Philadelphia, Pa.: UniversityofPennsylvania Press, 1985.